



GUILHERME ALMOR DE ALPOIM CALVÃO



Nascido em 16Jan1937, em Chaves.

No início de Mar38, segue com seus pais para Moçambique no navio *João Belo* e desembarca em Lourenço Marques; (seu tio-avô reside na Namaacha; em Lourenço Marques virá a nascer seu irmão Ângelo).

Frequenta a Escola Primária Rebelo de Sousa e o Liceu Salazar (sito na Avenida 24 de Julho), onde se encontram, entre outros, futuras figuras “gradas” do *nacionalismo* moçambicano: Joaquim Alberto Chissano (nascido em 1939, depois *comissário* da FRELIMO e futuro presidente de Moçambique); José Oscar Viegas Monteiro e Márcio Fernandes Lousã (futuros ministros moçambicanos); Álvaro Récio (futuro dirigente da RENAMO); Jacinto ‘Jasse’ Veloso (tenente piloto-aviador da FAP, que em Mar63 deserta para a Tanzânia com um avião T6, futuro dirigente da FRELIMO, ministro moçambicano e empresário); Helder Fernando Brígido Martins (branco de Moçambique, companheiro de carteira, depois dirigente da CEI e futuro ministro da Saúde no primeiro governo moçambicano); António Pinto da França (futuro embaixador de Portugal); Fernando Mendes Gil (filósofo); Helder Malta Macedo (escritor); o moçambicano José Miguel Novais Jerónimo (depois dirigente da CEI em Coimbra, e em 69 capitão miliciano comandante de companhia no leste da Guiné); António Noel Mendonça Lousada (nascido em Goa); e Otelu Nuno Romão Saraiva de Carvalho (depois alferes em Angola e capitão na Guiné).

Em meados de 53 embarca no paquete “Angola” para Lisboa e em 15Out53 assenta praça no anexo da Escola do Exército sito na Amadora, para os preparatórios militares (onde estão Almeida Bruno, Loureiro dos Santos, Garcia dos Santos, Cabeleira Filipe, Ramalho Eanes, Pinho Freire, Jaime Neves, Faria dos Santos, Tomé Pinto, Carlos Brandão e Almor Serra), integrado num contingente de alunos destinado à Marinha.

Em 54 é cadete e admitido no Clube Militar Naval como sócio.

Na Escola Naval (onde até 55 é contemporâneo de, entre outros, Victor Manuel Trigueiros Crespo), em 01Mar57 conclui o curso e segue para Inglaterra: «*Antes do início da guerra em Angola, dois oficiais, alguns sargentos e praças foram para a Grã-Bretanha tirar o primeiro curso de fuzileiros. No regresso iniciaram a instrução de fuzileiros, sob auspícios do almirante Armando Reboredo e Silva*»¹.

Em Mar58 casa «*com uma rapariga de Quelimane, por acaso branca (eu acho que nós, portugueses, somos todos mestiços), tendo eu o posto de segundo tenente. Continuo casado com ela.*»²

Nasce o primeiro filho, com uma grave deficiência.

Em 59 termina no HMS Vernon da Royal Navy, o curso de mergulhadores-sapadores.

No início de 61 tem o posto de primeiro-tenente e encontra-se na Esquadilha de Submarinos a fazer um curso; da época retém uma afirmação do antigo inspector-superior da Administração Ultramarina capitão Henrique Galvão, reproduzida no livro “Africa Speaks” publicado no final desse ano: «*Nenhuma das províncias africanas portuguesas está agora em posição para receber imediatamente a independência política sem enfrentar o seguinte dilema: a volta ao barbarismo com o massacre do povo e de outras raças que aí vivem... ou a sua imediata absorção por um dos poderes que estão procurando novas posições em África.*»

Em Out61 o DFE1 segue para Angola sob comando do primeiro-tenente Augusto Henrique Coelho Metzner; e em Jun62 o DFE2 segue para a Guiné sob comando do primeiro-tenente Pedro Manuel de Vasconcelos Caeiro. Em 62 termina o curso de submersíveis e em 63 faz o curso de fuzileiros especiais, na condição de ir para a Guiné.

Em 04Out63 desembarca em Bissau do navio “Índia”, com o posto de 1Tn/FZE comandante do DFE8, tendo como imediato o recém-promovido segundo-tenente José Manuel Malhão Pereira; e no mesmo transporte chega o DFE7 sob comando do primeiro-tenente João José de Freitas Ribeiro Pacheco (que em 02Fev95 vai ser o CEMA). O governador da Guiné era o oficial de Marinha comandante Vasco da Gama Rodrigues; e comandante-chefe o brigadeiro Fernando Louro de Sousa, por alcunha “o Papagaio”. No ComDefMarG estava o comandante capitão-de-fragata Manuel Lopes de Mendonça, tendo como CEM o capitão-tenente Paulo Belmarço da Costa Santos. «*O caso mais flagrante era o aprisionamento do então sargento [António Lourenço de Sousa] Lobato, um piloto que tinha caído dois ou três meses antes no Tombali. Tinha tido um acidente. Depois, esse homem foi levado para Conackry e lembro-me de ter perguntado se não se fazia nenhum esforço para ir buscar os nossos prisioneiros. Mas não havia respostas*»¹.

Em 14Out63 o DFE8 tem em Jabadá o seu baptismo-de-fogo; e no dia 27 em Darsalame na península do Cubisseco, os primeiros feridos.

Em Jan-Mar64 participa na Operação Tridente sobre a Ilha do Como.

No final de Mar64 o DFE2 é rendido pelo DFE9. «A seguir foi [para o comando naval da Guiné] o comandante Francisco [Ferrer] Caeiro [de 55 anos], que logo a seguir foi promovido a oficial general [capitão de mare-guerra], tirou um minicurso FZE e sempre que podia acompanhava as operações de fuzileiros no terreno»¹.

Em 01-05 e 15-24Mai64, três secções do DFE8 sob seu comando fazem emboscadas no extremo-sudoeste mas, a partir de 03Jun64, «como era muito em cima da fronteira o [novo governador e] comandante-chefe [brigadeiro Arnaldo] Schulz mandou parar. [...] Andávamos sempre atrás do inimigo, mas, como na Guiné as fronteiras não se fecham, era como estar a esvaziar uma banheira sem fechar a torneira»¹.

Nesse ano é condecorado com a Cruz de Guerra de 1ª Classe, por acções em combate na Operação Tridente. De entre outros elementos do DF8, destacam-se: o subtenente da RN Abel Machado de Oliveira (licenciado em Economia e Finanças), ferido duas vezes (a última gravemente na madrugada de 24Mai64 dentro da LDM-306 a cerca de 4 milhas antes da foz do Camexibó, atingido no crâneo por bala de ricochete e consequente hospitalização durante largos meses), substituído pelo segundo-tenente José Luís “Ruço” Couceiro; fogueiro-motorista Abrantes Pinto; Rui Bento (natural de Boliqueime); cabos Isidoro M. Cernadas (nr.893062) e Sebastião Dias da Rosa (nr.432456); e os marinheiros José António (natural do Bombarral), e Touré (manjaco de Pecixe).

Em Out65 termina a primeira missão ultramarina e regressa a Lisboa no contratorpedeiro Vouga (que faz a sua última viagem): «o DFE8 teve 92 acções de fogo em 47 operações; IN 38 mortos, 38 prisioneiros e 89 embarcações destruídas ou recuperadas; NT 4 mortos [2 em combate a 20Jan64, 1 em acidente a 8Jul64 e 1 em combate a 21Jul64] e 31 feridos num efectivo de 75 homens. A unidade recebeu 40 condecorações»¹.

Ainda nesse ano promovido por distinção a capitão-tenente, é-lhe entregue o comando das instalações navais de Vale de Zebro, com 2033 homens, sendo o único oficial superior na Escola de Fuzileiros «que funcionava também como força operacional, que recebia unidades para recruta, treino e instrução. De vez em quando havia roubos»¹.

Dá instrução na Escola de Fuzileiros em Vale de Zebro e efectua em 66-68 algumas missões de observação nos três teatros-de-operações. Como comandante-adjunto e director de instrução da Escola de FZE, estabeleceu praxe: quem fosse apanhado, era-lhe rapado o cabelo, punha-se em cima de um banco na parada frente à formatura geral de dois mil homens, e lia-se a punição (30 dias de prisão no Forte de Elvas).

No final de Dez68 o oficial-aluno Nelson Trindade «que arranjava problemas por onde passava», participou de si para o comandante do Grupo nº2 de Escolas da Armada, «por aquele usar métodos do séc.XVIII, com exposições no pelourinho»¹. Sucedeu um auto-de-averiguações e o participante apanhou seis dias de prisão disciplinar agravada, tendo reclamado em seguida mas, vendo confirmada a punição, recorreu para o CEMA que mandou o capitão-de-fragata Silva Horta levantar auto; entretanto em Jan69 o oficial-aluno vai cumprir a pena para a prisão “Mariazinha” e surgem as cunhas; chegando ao ministro da Marinha contra-almirante Manuel Pereira Crespo, este intercede porque «a mulher do punido estava à espera de um filho»¹. Mas Calvão não cede, o oficial-aluno vê a pena agravada com mais uns dias, e o ministro pune Calvão com uma repreensão agravada por «publicidade exagerada para uma pena»¹. No entanto, é agraciado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos e a seguir mandam-no para a Guiné em 2ª missão ultramarina: «tudo isto no espaço de uma semana»¹.

Na manhã de 01Mar69, chega a Bissalanca num avião da TAP e cruza-se com o coronel de cavalaria Fernando Cavaleiro (seu conhecido da Operação Tridente), que acompanha o governador e comandante-chefe general Spínola e ao qual é apresentado. No dia seguinte segue para Bolama a fim de comandar um grupo de lanchas de desembarque, dois patrulhas e dois DFE, «começando a actuar à vontade no Rio Grande de Buba»¹. Aí conhece Carlos Azeredo, a quem Spínola manda levantar auto por Calvão, depois arquivado por proposta deste. Depois é mandado para norte, a fim de comandar o COP3 com forças da Marinha e do Exército. Fica colocado em Bijene (3km norte da base fluvial da Armada em Canturé), com o controle operacional desta bem como das posições do Exército em Barro, Binta e Guidaje, mantendo controle sobre as infiltrantes do IN nos itinerários de Sambuíá e Porto Coco, e mais para sul na linha junto ao rio da Armada. No sector desenvolve no início de Jun69 a Operação Gata Pequena: da base fluvial do Canturé, comanda uma força naval que percorre o rio Cacheu durante seis horas até atingir Caboiana, ali se desenrolando a operação ao longo de três semanas. Mantém-se vários meses no COP3, combinando acções de infantaria apoiadas pela artilharia com obuses 10.5 e 14, com a mobilidade de navios do grupo-tarefa do Cacheu. «Com Spínola, todos os dias às 18:30 havia briefing, sete dias por semana. Não havia férias para ninguém. Notícia A1 (mais alto grau de fiabilidade): “Há dois dias, numa cambança passaram 30 homens”. Spínola: “Está aí o comandante do COP3? O que tem a dizer?”. Calvão responde que é mentira, o [chefe da 2ªRep-CTIG] major [de artilharia Jorge] Pereira ‘Asterix’ da Costa pergunta-lhe “Está a dizer que é mentira?”, e Calvão responde que “Estou a dizer que o senhor major não esteve lá e eu estive! Passei por lá a pé e não vi cambança nenhuma”. O Pereira da Costa das Informações e o [Alberto] Matos ‘Obelix’ Rodrigues (inspector da PIDE), de 120kgs, detestavam-se de morte»¹.

Em seguida elabora e comanda em 15Ago69 a *Operação Nebulosa*: inicia no ilhéu Calebe do rio Inxanxe (fronteira da Guiné-Conackry), a *Operação Nebulosa* para capturar o navio “Patrice Lumumba” da Guiné-Conackry, no qual o PAIGC faz transporte fluvial de Cadique para Canefaque. Acompanhado pelo segundo-tenente FZE Alberto Rebordão de Brito, primeiro-sargento FZE Manuel da Costa André (e um outro sargento), cabo mecânico Abrantes Pinto, marinheiro FZE Luís Manuel “Setúbal” Guerreiro Tristão (e outros 8 praças), e o prisioneiro-guia *soussou* Abou Camará (nascido na zona de Cacine, depois incorporado como grumete no DFE21), em 27Ago69 capturam o navio e apanham 23 homens, que depois em Bissau são entregues aos homens das informações. «*Para captura do barco Patrice Lumumba, cheguei a estar oito dias [i.e, 54 horas] sentado num [Zebro mod.III] bote de borracha. O Patrice Lumumba era um navio que apanhei na República da Guiné. Afundei-o.*». O Patrice Lumumba veio agarrado ao navio de apoio, começou a meter água e deixaram-no ir ao fundo perto da ilha de Tombali.

Nessa altura o general Spínola estava na Curia de férias anuais. Houve protestos de Conackry e o comandante da operação seguiu para um *briefing* em Bissau com o comandante da DefMarG e comandante-chefe interino, comodoro Luciano Ferreira Bastos da Costa e Silva, ao qual o major “Asterix” informa que «*interceptaram umas mensagens-movimentos de tropas de Conackry para a fronteira*», e a seguir é interpelado por Calvão: «*Sr. major, quantos grupos do exército tem Conackry, quantos corpos, quantas divisões? Afinal, o que foi deslocado para a fronteira?*». Asterix: «*Dois pelotões*». Calvão: «*Então foi a deslocação de dois pelotões para a fronteira. Se a deslocação de dois pelotões para a fronteira lança esse pânico todo, não sei como vai ser*».

O comodoro mandou o capitão-tenente à Curia junto de Spínola, para explicar o que se tinha passado; aquele achou muito bem. «*No Verão de 1969 o general Spínola [...] estava de férias na Metrópole. Alpoim Calvão, que tinha terminado mais uma operação, fez-lhe uma visita nas termas do Luso. Levava um plano arrojado: eliminar as lanchas do PAIGC de uma assentada no porto de Conackry, em vez de as capturar uma a uma em desgastantes operações de emboscada nas bolanhas da Guiné Portuguesa. Spínola gostou da ideia e autorizou o ataque. A operação seria desencadeada por uma equipa de mergulhadores que fariam explodir as lanchas através de minas-lapa colocadas nos cascos. [...] Alpoim Calvão viajou para Pretória em Setembro de 1969 na companhia do chefe da delegação da PIDE em Bissau, inspector Matos Rodrigues. Os dois homens encontraram-se com pessoal dos serviços secretos sul-africanos – o Bureau of State Security (BOSS) –, e regressaram com as tão desejadas minas-lapa. Faltava ainda resolver outro problema: não tínhamos mapas do porto de Conackry. Durante vários dias, os navios mercantes portugueses e estrangeiros que atracavam em Bissau, foram discretamente vasculhados até que se descobriu uma carta marítima de Conackry mas desactualizada. Mas Alpoim Calvão estava decidido e na madrugada de [4ªfeira] 17 de Setembro de 1969, fez uma incursão secreta nas águas do porto de Conackry, actualizou o mapa e regressou a Bissau. Estava tudo pronto para a acção dos mergulhadores. [...] O general Spínola desistiu deste perigoso plano. Seguiu avisados conselhos e [...] Alpoim Calvão propôs uma alternativa a Spínola: uma única e valente operação na República da Guiné para, de uma penada, resolver todos os problemas: matar Sekou Touré, colocar no poder um governo do FNIG, destruir alvos militares e libertar os portugueses. [...] O presidente do Conselho, Marcelo Caetano, após algumas hesitações e dúvidas acabou por aprovar o arrojado plano. [...] Os preparativos começaram no final do ano de 1969. Tudo no maior dos segredos a partir de um aquartelamento construído na Ilha de Sogá, no sudoeste da Guiné. Alpoim Calvão e o homem da PIDE [DGS] em Bissau, Matos Rodrigues, viajaram diversas vezes para Paris e Genebra, na Suíça, onde se encontraram com representantes da oposição ao regime de Sekou Touré. Missão: combinar a partida para a Ilha de Sogá de militantes do FNIG que viviam no exílio em diversos países africanos»³.*

Ainda em 1969 é condecorado com a Medalha de Ouro de Valor Militar com palma.

Passa a comandar o COE e em 05-07Mar70 comanda em Cadinhé a *Operação Gata Brava*, que afunda o barco Bandim.

Em 01Jun70 é louvado pelo comandante-chefe da Guiné general Spínola, que destaca o seu desempenho nas operações “Nebulosa” e “Gata Brava”. É condecorado com outra Cruz de Guerra de 1ª Classe; e na frente Leste reencontra o seu antigo colega do liceu laurentino, José Miguel Jerónimo, agora capitão miliciano. Realizou «*outras incursões, algumas dentro do Senegal: uma vez incendiou uma povoação do outro lado, retaliações a mando de Spínola*». Logo a seguir prepara com minúcia e economia de meios possível a *Operação Mar Verde* (pp.521-530 op.cit)¹, com a seguinte ordem de operações:

1. Destruir o Quartel-General central do PAIGC;
2. Libertar os prisioneiros portugueses que ali se encontram;
3. Destruir as vedetas e embarcações do PAIGC e República da Guiné que se encontram no porto de Conackry;
4. Neutralizar a aviação no aeroporto;
5. Proporcionar o desembarque em Conackry dos elementos do “Front National de Libération Guinéen” que para tal a nós recorreram.

No entanto, a “Mar Verde” havia sido proposta no final de Ago69 a Spínola por Calvão, apenas para afundar vedetas e fazer golpe-de-mão para libertar os prisioneiros: só no início de 70 lhe disseram que tinha de ajudar o FNIG para fazer um golpe de Estado, e prender Amílcar Cabral. Existem 25 militares portugueses capturados na província da Guiné e mantidos em Conackry sob prisão; as três vedetas-rápidas do PAIGC são de origem russa e têm uma velocidade muito superior aos nossos navios e um armamento potente; prevêem-se MiG no aeroporto; e o “Front” é uma organização oposicionista ao regime tirânico de Sekou Touré.

Em 22Nov70, no navio-de-comando da operação fundeado ao largo de Conackry, dá ordem de ataque às equipas de desembarque. No golpe-de-mão foram libertados os 26 portugueses prisioneiros, e da prisão da Guarda Republicana cerca de 400 presos do FNIG (entre eles o capitão Abou Soumah, na cadeia desde há oito anos). Entretanto surgiu um grande problema, com um grupo de assalto de comandos africanos: alguns até traziam os trombones da Guarda Republicana, e vinte armas às costas. «O Januário era um tenente dos comandos, africano. Era um tipo que o Marcelino da Mata não gramava nem com molho de tomate. Esse tipo entregou-se e os 15 homens que iam com ele foram apanhados por causa dele. Os tipos que fizeram o ataque à Guarda Republicana, ao palácio presidencial, deitaram mão ao que puderam, com a população a dizer “tome lá uma cerveja, leve uma caixa”. Dizia-lhes para deixarem tudo em terra mas, mesmo assim, houve um que trouxe 20 pistolas»¹. Durante a acção, «morreu um inocente apanhado no fogo cruzado, cerca das 09:00 da manhã, um cidadão da República Federal Alemã»¹. No meio disto, houve uns distraídos: um que quando deu por ela já os navios se iam embora, um balanta de nome Francisco que sabendo-se sozinho deitou-se à água e começou a nadar para a América; passadas três milhas foi recolhido por um navio holandês e desembarcado em Monróvia onde pediu asilo político, e ali ficou durante um ano a trabalhar como brasileiro num barco; juntou dinheiro e depois foi para as Canárias, dali de avião para Lisboa via Madeira; e nos princípios de 72, estava Calvão na Polícia Marítima, «a DGS liga a dizer que no aeroporto estava um tipo que queria falar comigo. Depois o Francisco voltou para os comandos da Guiné»¹.

Às 09:30 de 22Nov70 já os prisioneiros portugueses estavam a salvo nos navios da Armada; quantos aos FNIG, aguentaram a ofensiva durante oito dias e depois foram sendo todos destroçados e apanhados. Seguiu-se repressão e até o arcebispo de Conackry foi preso por Sekou Touré, que mandou matar pessoas que nem sabiam que aquilo ia acontecer.

Em 22Dez70 regressa a Lisboa e é condecorado com o grau de oficial da Ordem Militar da Torre e Espada com palma. 25 anos depois, afirma: «Foi e continua a ser para mim recompensa suficiente a satisfação que tive em abraçar o António Lobato, prisioneiro há sete anos, bem como os restantes 25 companheiros, finalmente libertados pelos seus companheiros de armas». Além das condecorações referidas, tem as seguintes; Medalha de Prata de Serviços Distintos; Medalha de Mérito Militar de 2ª Classe; Cavaleiro da Ordem Militar de Aviz; Medalha Militar de Promoção por Distinção; Medalhas Comemorativas das Campanhas das Forças Armadas Portuguesas, com as legendas “Guiné 1963-1965” e “Guiné 1969-1970”.

O contra-almirante Júlio Malheiro do Vale pretende colocá-lo na capitania do Porto de Lisboa, mas passa o ano de 71 como sub-CEM e chefe de Operações do Comando Naval do Continente.

Em Dez71 desloca-se à Guiné durante oito dias.

Em 15Jan72 fala em Lisboa com o ministro da Marinha, sendo então colocado como comandante da Polícia Marítima no Porto de Lisboa, onde organiza um serviço de informações na dependência informal do CEMGFA, no espírito de continuar a servir o esforço de guerra no Ultramar: em 20Mar72 apresenta o Plano Carpa (pp.519 op.cit)¹, um conjunto de acções dos FZE na Guiné, no qual se integram a Operação Medusa Verde – destinada a plantar um agente em Dacar (11Abr72-Ago73) –, e a Operação Furão Curioso – infiltração de FZE por meios marítimos e redes de contrabando, para detectar infiltrações inimigas em território nacional (21Abr72-30Nov73).

Em 05Mai72 apresenta um plano, não aprovado pelo MDN, para recuperar sete tenentes desertores do Exército.

Em 10Ago72, para apoio ao FNIG, apresenta o Plano Dragão Marinho que em fins de Out72 é aprovado. No final de Nov72 participa em Coimbra na sessão plenária da LAG (Liga dos Antigos Graduados da MP), onde discursa.

Em 05Dez72 o comando da Polícia Marítima detecta no navio *Bretagne* de bandeira dinamarquesa, duas toneladas de material de instrução destinado ao MPLA; o material é retirado no porto de Lisboa e substituído por areia.

Em 30Nov73 o CEMGFA general Costa Gomes determina a extinção dos serviços do “Dragão Marinho”.

Em 24Jan74 o navio *Esperanza II* de bandeira panamiana fundeia no estuário do Tejo (Olho de Boi) com carregamento de armas (400 toneladas de munições e 1 de detonadores): uma parte ficaria em Portugal para a “Norte Importadora” de Zoio; e outra parte, segundo o manifesto de carga, seguiria para Dar-es-Salaam (provavelmente para a FRELIMO, segundo informação da DGS). O comandante Calvão fala com o MDN, que lhe garante que o material era para a FRELIMO; Calvão propõe descarregar tudo para paióis militares (sendo que depois os estivadores se recusariam a carregar de novo o navio); o ministro da Marinha opõe-se e o MDN

fica «*afrito*». Calvão segue com outro plano: há um alarme de bomba a bordo, uma equipa entra e leva uma mala com uns quilos de trotil russo, com relógio eléctrico e sistema de accionamento do exterior. «*Depois, não posso dizer que foi a bomba que rebentou, o navio é que desapareceu. O navio saiu [em 04Fev74] da barra e desapareceu... não sei se foi a bomba que rebentou. Era o Esperanza II, que tinha bandeira panamiana*».

Na 2ª semana de Mar74 vai de férias a Londres, a Bruxelas (onde encontra o capitão de mar-e-guerra Ferrer Caeiro chefe da missão militar portuguesa da NATO), e a Paris.

Na noite de 15Mar74 regressa a Lisboa.

«*Três ou quatro semanas antes*» de 25Abr74, é convidado para um almoço na Força de Fuzileiros do Continente (em Vale de Zebro), durante o qual o respectivo comandante capitão de mar-e-guerra José Baptista Pinheiro de Azevedo (também presidente da direcção do Clube Militar Naval), o convida a «*participar num esquema, mais tarde conhecido como a revolução do 25 de Abril*». Tanto o comandante Pinheiro de Azevedo como o segundo-comandante Augusto Correia Teixeira Machado, lhe sugerem a participação no golpe de Estado, tendo na ocasião respondido: «*Tudo o que seja para melhorar eu estou de acordo. Mas o problema do Ultramar?*»; Pinheiro de Azevedo retorquiu «*Isso é uma coisa que depois se resolve*»; e Calvão concluiu «*Não, isso é que é para mim o problema*». «*Não aderi e pus-me completamente de parte. Fiz de conta que não sabia de nada*»¹.

Ao fim da manhã de 25Abr74 é o primeiro (e único) oficial a entrar nas instalações da DGS onde, com a colaboração do major Silva Pais e do inspector Óscar Cardoso, trata de retirar parte dos ficheiros relacionados com operações militares no Ultramar, nomeadamente as informações relativas à “Operação Mar Verde”; seguidamente desenvolve acções tendentes à destruição dos emissores de Porto Alto do Rádio Clube Português, o que não logra conseguir por impedimento do comandante do fuzileiros (Pinheiro de Azevedo).

Após 10Mai74 a sua promoção por diuturnidade a capitão-de-fragata é «*congelada*» pelos revolucionários da Armada.

Em Jul74 os «*comités de promoção*» confirmam a recusa de promoção e logo a seguir recorre para o STM sem sucesso. No final desse mês é-lhe retirado o comando da Polícia Marítima e colocado como oficial-adjunto na 1ºRep da DSP-EMA.

No início de Out74, a seu pedido (anterior ao 28Set) passa à situação de licença ilimitada com o posto de capitão-tenente.

Na madrugada de 11Mar75 apoia na BA3-Tancos algumas movimentações spinolistas, em consequência do que seis dias depois é forçado a refugiar-se em Espanha; posteriormente em Madrid é co-fundador do MDLP e seu coordenador operacional.

Em 29Abr76 cessam as actividades no MDLP; nesse ano publica o livro *De Conackry ao MDLP*, editado pela *Intervenção* (propriedade de Valdemar Paradela de Abreu).

Em 09Mar90 passa à situação de reforma, com o posto de capitão de mar-e-guerra; é casado e tem quatro filhos.

Publicou mais dois livros: *Contos de Guerra* (de colaboração com o antigo capelão naval de Vale de Zebro, Sérgio Augusto Pereira), editado em Abr94; e *11 de Março – Algumas Peças de um Processo* (em colaboração com Jaime Nogueira Pinto), editado em 95.

Em 10Jul2010 foi agraciado de Vale de Zebro, no decurso das cerimónias do Dia do Fuzileiro, com a Medalha de Comportamento Exemplar.⁴

No final do seu depoimento escrito (in “*Os Últimos Guerreiros do Império*”), afirmou: «*Lamento profundamente não viver agora na Comunidade Portuguesa com que sonhei. E, nesta pressa de nos tornarmos minuscilmente europeus, não posso deixar de recordar com saudade e amargura o tempo em que éramos todos irmãos, todos iguais, todos portugueses*».

¹ (entrevista de 02Fev95 a Freire Antunes);

² (Calvão em 17Jul2010, comentário ao p6350 do blogueforanadaevaotres);

³ (cf Manuel Catarino, in “Operação Mar Verde”, 24H 01Dez2002);

⁴ (http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1615661)